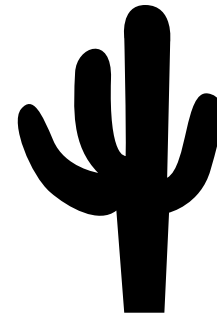


Alexandra
Lucas Coelho

VIVA MÉXICO



COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMX

ÍNDICE

9	PREFÁCIO
17	PARTE I: CENTRO
19	<i>Cidade do México</i>
147	PARTE II: NORTE
149	<i>Ciudad Juárez</i>
217	PARTE III: SUL
219	<i>Oaxaca</i>
263	<i>Juchitán</i>
279	<i>Ixtepec</i>
295	<i>Chiapas</i>
337	<i>Yucatán</i>
367	AGRADECIMENTOS
369	BIBLIOGRAFIA
371	NOTA BIOGRÁFICA

© 2010, Alexandra Lucas Coelho
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Viva México*
Autora: Alexandra Lucas Coelho
Prefácio: Carlos Vaz Marques
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Vera Tavares

1.ª edição: Novembro de 2010

ISBN 978-989-671-053-8
Depósito Legal n.º 317998/10

PREFÁCIO

O MÉXICO É VINTE VEZES maior do que Portugal. Só na Cidade do México, a mais extensa metrópole do mundo, cabe duas vezes toda a população portuguesa. Que alguém chegado de fora, apenas com uma mochila e a memória de certos textos, não se perca num lugar assim, é já uma façanha. Para além disso há a «violência» e o «frenesim» a que se refere Octavio Paz na oportuna epígrafe que abre este livro.

Esta é pois a história de um país violento e desmesurado. «O mexicano faz amor com a morte», dirá alguém a certa altura, logo no início da viagem. É esse o principal traço de carácter associado à identidade mexicana. Não é por acaso que há caveiras na capa de *Viva México*. Parecem rir-se de nós, daqueles de nós que não aprenderam ainda, como os mexicanos, a rir-se delas.

E contudo talvez tudo isto não passe de pura ficção. Não no sentido de a ficção ser o contrário da verdade. Ficção por ser uma memória inventada. Por corresponder ao modo como Jean Cocteau definia o surrealismo: como «mais verdadeiro do que o verdadeiro». Talvez comece aqui o carácter literário de um país que o papa do surrealismo, André Breton, descreveu como o mais surrealista do mundo. Surrealista = sur-réaliste = sobre-realista. O próprio Breton explicou o conceito de uma

forma clara, no manifesto do movimento que dirigiu com mão de ferro, associando-o a «uma ausência de qualquer tipo de controle exercido pela razão, à margem de qualquer preocupação estética ou moral».

Aquilo que em termos literários deu corpo a uma das mais intensas aventuras culturais do século xx, quando corporizado num país imenso como o México, revela-se um pesadelo, com toda a carga de assombro e horror e sortilégios que caracteriza os pesadelos mais vívidos. É essa vertigem que Alexandra Lucas Coelho capta e nos revela.

Sabemos pelas notícias de todos os dias como o México é hoje um Estado sequestrado pelo narcotráfico. Sabemos pelos livros de História como do encontro entre o ouro e a magia, no início do século xvi, saiu vencedor o ouro — Cortés aniquilou Moctzuma. Temos vagas imagens que acabam sempre por nos remeter para o mesmo território exótico e místico que já percorremos ao ler *A Serpente Emplumada*, de D.H. Lawrence. Não é por aí que Alexandra Lucas Coelho nos conduz.

Viva México leva-nos ao encontro de gente concreta, de carne e osso. Julián, de Ciudad Juárez, aquele que entre a macabra contabilidade quotidiana dos mortos à queima-roupa se emociona com as sonatas de Beethoven interpretadas por Claudio Arrau. Diego López Rivera, o neto do famoso muralista, às voltas com a herança traumática do avô. Agar e Leonardo, um casal refugiado na sua «utopia mínima, a dois», numa aldeia de montanha, algures no Sul. São rostos que recupero ao acaso, entre tantos outros.

E há a Casa Azul e Frida Kahlo e a sua fragilidade comovente que fez do México um país «mais forte, mais complexo, mais desarmante». São para ela e por causa dela as mais belas páginas desta viagem.

Rostos, vozes, entusiasmos e medos — uma vitalidade transbordante num país onde se morre com grande facilidade. É esse o extraordinário paradoxo mexicano que emerge deste livro. «Só estar no México é uma energia.» Até o milho tem histórias para contar.

Alexandra Lucas Coelho percorre o país de Zapata, um século depois da revolução, e indigna-se, aflige-se, comove-se, ri e chora e faz-nos participar de tudo isso. Nós vamos com ela e como ela, ao lado dela, não somos turistas, somos viajantes. Imunes ao pecado mortal da indiferença.

CARLOS VAZ MARQUES

É agora: vou beber, vou ficar paralisada e o meu corpo será desmembrado. Há que ganhar tempo.

Uma bebida ritual? «Sim, chama-se *balche*», responde o amável Pepe. «Usa-se para fazer uma cerimónia de chuva ou para pedir a benevolência dos deuses.» Hum-hum, hum-hum. E compra-se? Pepe sorri, incrédulo. «Não, os xamãs fazem-na e dão-ma. Vou buscar para bebermos.» Vai ao frigorífico, tira uma garrafa de plástico com um líquido verde, cor-de-relva, serve dois copinhos e volta. «Aqui tens.» Cheiro. A que sabe? «Sabe a anis», responde Pepe. Semicerra os olhos, perscrutante: «Não te preocupes, não te vai acontecer nada. Vais só começar a sentir a cabeça a girar, e depois vais perder os sentidos.» Recosta-se, a sorrir.

Estou imóvel, de copo no ar.

Então Pepe, o pequeno maia, dá uma gargalhada. «Estou a brincar!» Bebe o seu *balche*. «Estás a ver? Bebe!» Bebo. Sabe a anis — a cana-de-açúcar — a relva. Enfim, uma inocente bebida ritual.

Uma vergonha.

«Faz-se com a árvore *balche*, ferve-se a casca com mel e arroz», remata Pepe, generoso. Felizmente, por trás da sua cabeça há uma saída para a minha vergonha, um telescópio apontado à clarabóia. E a sequência da bebida ritual acaba com todo um novo assunto, a descoberta astronómica que Pepe fez em 1983, até que lá fora se ouve um troar.

É a chuva, enfim.

Pepe abre a porta. Vem um cheiro a terra. O cimo do Templo do Adivinho está incandescente. Ao fundo vêem-se vultos a correr. É o apocalipse?

«É o *show* de luz e som», diz Pepe. «Todas as noites, temos um *show* com uma história nas ruínas. Mas aqueles lá ao fundo já vão chegar atrasados ao sacrifício da princesa.»

Aqueles são turistas. E já que aqui estamos, corremos entre as pirâmides à chuva, pelos atalhos que Pepe conhece, até ao pátio dos palácios. Cheios de chapéus e de impermeáveis, os turistas estão em cima das pedras, a ouvir como crianças no meio da noite. Luzes douradas, verdes, vermelhas, azuis, vão iluminando diferentes relevos, e as vozes dos actores mexicanos ribombam entre a tempestade. «É como uma telenovela», diz Pepe.

Amanhã volto à Europa.



A Europa está morta e eu sou europeia. Ou, mais exactamente, do Velho Mundo. Ao fim do primeiro dia na Cidade do México, a levitar como se me tivesse dissolvido na multidão, vi que sou do Velho Mundo. E ao longo de três semanas a viajar pelo México, do deserto de Chihuahua à selva do Yucatán, vi como sou do Velho Mundo.

O México dá vontade de chorar, um choro de séculos em que não percebemos porque choramos, se somos nós que choramos, se não seremos nós já eles. Nunca, em lugar algum, me pareceu que tudo coexiste, tempos e espaços, cimento e natureza, homens e animais, até aceitarmos que o nosso próprio corpo faz parte daquela amálgama acre, ligeiramente ácida, de pele suada com muito *chile*.

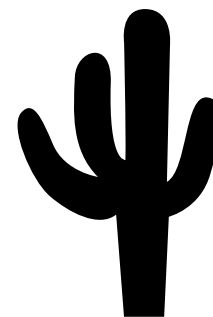
Octavio Paz descreve os mexicanos como o mais solitário dos povos, perpetuamente incapaz de transpor e ser transposto. Por isso, e por tudo e por nada, existe a *fiesta*. É uma necessidade orgânica, a descarga.

Este Novo Mundo começa no extermínio, e isso há-de significar qualquer coisa. No tempo indígena significa que o extermínio histórico faz parte do presente.



Certa vez, Frida Kahlo descreveu uma imagem a um amigo: «É de dia e de noite, e há um esqueleto (ou morte) que foge espavorido da minha vontade de viver.» Anos depois, pintou *Viva la Vida* por cima de talhadas de melancia, e essa é a sua última palavra. Afixo-a no frigorífico na noite em que volto.

Vai ser dia no México. *Que le vaya bien.*



OUTROS TÍTULOS DA COLECÇÃO

Morte na Pérsia

Annemarie Schwarzenbach

(trad. Isabel Castro Silva)

Disse-me Um Adivinho

Tiziano Terzani

(trad. Margarida Periquito)

Uma Ideia da Índia

Alberto Moravia

(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque

Brendan Behan

(trad. Rita Graña)

Paris

Julien Green

(trad. Carlos Vaz Marques)

Histórias Etíopes

Manuel João Ramos

O Japão é Um Lugar Estranho

Peter Carey

(trad. Carlos Vaz Marques)

Na Síria

Agatha Christie

(trad. Margarida Periquito)

Veneza

Jan Morris

(trad. Raquel Mouta)

A Viagem dos Inocentes

Mark Twain

(trad. Margarida Vale de Gato)

Caderno Afegão

Alexandra Lucas Coelho